



ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses
Volume 73

A PENÍNSULA IBÉRICA ENTRE OS SÉCULOS V E X – CONTINUIDADE,
TRANSIÇÃO E MUDANÇA

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

73

Ano de Edição

2022

Ano Associativo AAP

2021

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e Andrea Martins

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia da capa

Inscrição paleocristã, Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (fotografia de José Paulo Ruas)

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

- 5 Editorial
José Morais Arnaud
- A PENÍNSULA IBÉRICA ENTRE OS SÉCULOS V E X – CONTINUIDADE, TRANSIÇÃO E MUDANÇA**
- 9 Encontro Internacional: *A Península Ibérica entre os Séculos V e X – Continuidade, Transição e Mudança*.
Apresentação
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 11 Arqueologia e história da cidade do Porto no período tardo-antigo e alti-medieval
António Manuel S. P. Silva, Manuel Luís Real
- 37 Contextos Tardios no teatro romano de Lisboa: reconversão de espaços monumentais
Lídia Fernandes, Marco Calado, Carolina Grilo
- 47 Defensa de la muralla augustea de Emerita
Miguel Alba
- 67 Troia e a ocupação tardo-antiga no baixo vale do Sado
Ana Patrícia Magalhães
- 83 Da luz e das sombras. O caso da *villa* da Horta da Torre (Cabeço de Vide, Fronteira) e a desestruturação da paisagem rural antiga
André Carneiro
- 97 A cidade romana de Balsa – novas e velhas evidências do período final da cidade
João Pedro Bernardes, Vítor Silva Dias
- 107 Mértola e o seu território na Antiguidade Tardia
Virgílio Lopes
- 121 O Castro S. João das Arribas. Novos dados para a longa história nas Arribas
Mónica Salgado, Pedro Pereira, Susana Cosme
- 131 A ocupação tardo-antiga e alto-medieval no concelho de Santa Comba Dão (Viseu)
Pedro Matos, Helena Catarino
- 143 *Olysipona*, entre o Império e o Islão
Jacinta Bugalhão
- 157 El paisaje humano del territorio emeritense entre los siglos V al X
Bruno Franco Moreno
- 169 O que nos dizem do século VIII (algumas fontes coevas)
João António Ferreira Marques
- 177 Campesinos del entorno de Toledo en época emiral temprana (inicios s. VIII a mediados s. IX d.C.)
Alfonso Vigil-Escalera Guirado
- 187 Poblamiento emiral en el Garb al-Andalus
Susana Gómez Martínez
- 207 A presença cristã antiga e os primeiros tempos islâmicos no Castelo de Silves
Rosa Varela Gomes
- 221 Continuidad y cambio en la producción y consumo de la cultura material en Córdoba: siglos VII-X
Elena Salinas

- 235 Reflexiones sobre el mundo rural mozárabe. Materialidad, rituales y hábitos del poblado y cementerio de Tózar, Granada
Luca Mattei, Cristina Martínez Álvarez
- 245 Casa Branca, uma aldeia alto-medieval dos arredores de Évora
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Telmo Pinheiro Silva
- 265 Os primeiros vidrados no Gharb al-Andalus no século IX-X: análises arqueométricas e interpretação histórica
Elena Salinas, Carmen Iñiguez, M^a. José Gonçalves, Susana Gómez

ARTIGOS

- 275 Lisboa pelos olhos de Endovélico: o potencial de uma base de dados para o conhecimento das populações passadas
Filipa Neto, Cristina Barroso Cruz
- 285 Instrumentos Cirúrgicos Romanos na Quinta de Crestelos (Meirinhos-Mogadouro)
Luísa Batalha, Aaron Lackinger, Enrique Paniagua Vara, Sérgio Simões Pereira

COLÓQUIO DE HOMENAGEM A FRANCISCO TAVARES PROENÇA JÚNIOR

- 299 Apresentação – Colóquio de homenagem ao arqueólogo Francisco Tavares Proença Júnior
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 303 Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior
Ana Margarida Ferreira
- 307 Tavares Proença Júnior e a Covilhã – um trabalho por acabar...
Carlos Manuel Dias Madaleno
- 315 Contributos para a Carta Arqueológica do Concelho do Fundão. Inventários arqueológicos do Concelho do Fundão: de Francisco Tavares de Proença Júnior a 2016
Joana Bizarro
- 323 Arqueologia do concelho de Penamacor. Do inventário de 1910 ao inventário de 2016
Sara Ferro
- 331 Carta Arqueológica do Concelho de Belmonte após Francisco Tavares Proença Júnior
Elisabete Martins Robalo

RELATÓRIOS

- 341 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2021
José Morais Arnaud
- 347 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2021
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 353 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2021. Plano de Actividades para o Ano 2022
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 355 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2021
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 359 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2021
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 361 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3^o milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2021
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

A OCUPAÇÃO TARDO-ANTIGA E ALTO-MEDIEVAL NO CONCELHO DE SANTA COMBA DÃO (VISEU)

Pedro Matos¹, Helena Catarino²

¹ CEAACP – Universidade de Coimbra / Bolseiro FCT (2020.05417.BD) / pjmatos27@hotmail.com

² DHEEAA-FLUC/CEAACP / hcatarino@fl.uc.pt

Resumo

Neste texto, serão apresentados os vestígios arqueológicos tardo-antigos e alto-medievais do Concelho de Santa Comba Dão. Temos, como objectivo principal, dar a conhecer o potencial arqueológico deste pequeno território da Beira Alta, através da análise descritiva dos vestígios arqueológicos, bem como da sua contextualização dentro dos sistemas culturais daquele período.

Com base nestas informações, faremos ainda um breve enquadramento da zona em estudo na rede viária regional, através da proposição de rotas comerciais que a ligariam aos centros de poder mais próximos.

Palavras-chave: Povoamento e sepulturas rupestres, Materiais arqueológicos, Arqueologia e História, Antiguidade tardia e Alta Idade Média.

Abstract

In this text will be presented the late roman and early medieval archaeological data of Santa Comba Dão. Our purpose is to make known the archaeological potential of this small territory of Beira Alta (Portugal), through the descriptive analysis of archaeological remains, as well as its framework within the cultural systems of that period.

Based on this information, we will briefly outline the studied area in the regional trade routes that would link it to the nearest power centers.

Keywords: Population and rock tombs, Archaeological materials, Archeology and History, Late Antiquity and Early Middle Ages.

1. INTRODUÇÃO

As informações agora apresentadas resultam de uma investigação que, com o apoio da Câmara Municipal de Santa Comba Dão, teve por objectivo o levantamento do património arqueológico deste concelho, tendo em vista a sua salvaguarda e valorização. Para tal, foram realizadas prospecções arqueológicas extensivas e desenvolvidos trabalhos de catalogação e análise de materiais obtidos em escavações antigas. Em âmbito académico, os referidos trabalhos estiveram integrados no mestrado do primeiro signatário, desenvolvido sob a orientação da segunda signatária, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

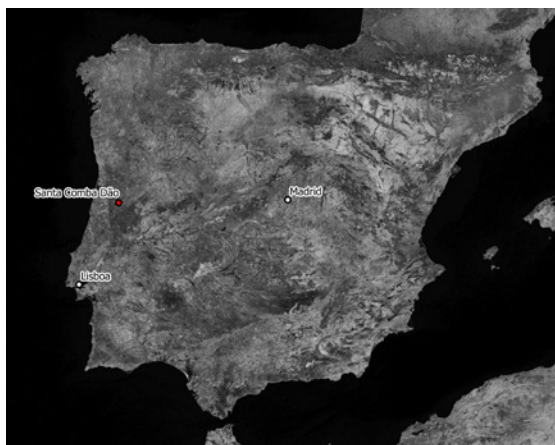


Figura 1 – Enquadramento geográfico.



Figura 2 – Enquadramento topográfico e rede hidrográfica.

O Concelho de Santa Comba Dão, com os seus 112 km², está localizado no sudoeste do Planalto Beirão, inserido entre a Serra da Estrela, a nascente, e as serras do Caramulo e Buçaco, a poente (Figura 2). Trata-se de uma grande plataforma que, dentro da divisão Administrativa, abrange integralmente o distrito de Viseu e partes dos distritos da Guarda e Coimbra. Em termos

geomorfológicos, configura uma zona dominada pelo granito de grão grosso, fendida por filões de quartzo e, mais a sudoeste, pelo xisto, numa área reduzida, próximo à Serra do Caramulo. No que se refere à hidrografia, o Planalto Beirão é cortado por dois grandes rios, designadamente, o Mondego e o Dão, sendo este, o principal afluente daquele. O município em estudo é delimitado, a sul, pelo rio Mondego, e a oeste, pelo rio Criz, sendo artificiais os limites norte leste.

2. O CONTEXTO CIENTÍFICO DA INVESTIGAÇÃO

Muito embora o conhecimento arqueológico da nossa zona fora, quando começámos a investigação, algo deficiente, tivemos ao nosso dispor uma base bem consolidada de conceitos científicos a partir dos quais, com o progresso da coleta de dados de campo e compilação de fontes documentais, fomos construindo hipóteses para modelos de povoamento e realizando aproximações cronológicas, sobretudo, pautadas na tipologia de artefactos registados em prospecção.

Aqueles conceitos resultam de estudos que, assim como o nosso, tiveram por objectivo a compreensão do povoamento nos cerca de meio milénio entre o fim do Império Romano e a Plena Idade Média, por vezes, também em comunidades rurais, geralmente, marcadamente isoladas em relação aos seus centros de poder. O volume de estudos actualmente desenvolvido, portanto, deixa vislumbrar vestígios arqueológicos passíveis de aproximações cronológicas relativas, e culturais, naquele período em que a compreensão de determinados meios rurais do Noroeste peninsular depende, quase exclusivamente, da Arqueologia.

Com efeito, nesta última década percebemos, em nossa modesta opinião, uma alteração no panorama da arqueologia da Antiguidade tardia e Alta Idade Média, sobretudo em Portugal, caracterizada por um “despertar” dos investigadores para o estudo destes períodos. Resultado disto será, por exemplo, a realização, quase anual, de encontros científicos em torno desta temática, tais como: o encontro sobre as cerâmicas medievais realizado no museu de Conímbriga, em 2012, que resultou na publicação de um volume do IEM (Instituto de Estudos Medievais) coordenada por Adriaan de Man e Catarina Tente (2014); a mesa-redonda realizada em Mangualde, em 2013, intitulada “*A Lusitânia Entre Romanos e Bárbaros*”, cujas actas foram publicadas dois anos depois (Encarnação, Lopes e Carvalho, 2016); o congresso intitulado “*Do Império ao Reino. Viseu e o Território (séculos IV a XII)*”, que teve lugar nesta cidade em 2016 e cujas actas fo-

ram editadas por Catarina Tente (2018); o congresso internacional “*Sepulturas Escavadas na Rocha na Fachada Atlântica da Península Ibérica*”, realizado na Universidade do Porto, em 2017, que dentro em breve deverá também ter as suas actas publicadas; o encontro internacional “*A Península Ibérica entre os séculos V e X: continuidade, transição e mudança*”, em 2019, ao qual se reporta este texto.

É, precisamente, dentro deste cenário de incremento na arqueologia tardo-antiga e alto-medieval – e sob a sua influência – que se desenvolve o nosso trabalho no município de Santa Comba Dão.

3. ELEMENTOS PARA A COMPREENSÃO DO POVOAMENTO ANTIGO

Talvez que, um dos principais contributos deste estudo seja demonstrar como determinados elementos de análise, os quais, individualmente, pouco contribuem para a compreensão do povoamento antigo, quando conjugados, vêm elevado o seu valor científico e permitem ao investigador vislumbrar os padrões de ocupação antiga num determinado micro-território.

Desta forma, a seguir, vamos apresentar três fontes de dados das quais duas consistem em dados arqueológicos – materiais arqueológicos; sítios arqueológicos (*habitats* e núcleos funerários) – e uma tem por base as fontes históricas.

3.1. Metodologia de aproximação aos documentos históricos

Em arqueologia medieval, os registos históricos, frequentemente, acompanham a evolução de um estudo desde a sua fase mais embrionária até à discussão final, sendo, pois, “*el rasgo que da originalidad a la arqueología medieval*” (Faro Carballa e García Jaurrieta, 1996: 285). Entretanto, em momento algum, o seu conteúdo deve ser dogmatizado ao ponto de condicionar a interpretação dos vestígios arqueológicos. “Se por um lado, a arqueologia medieval não pode ser um apêndice ou uma ilustração dos textos, também não se limita a exumar testemunhos, mas a interpretar, na medida do possível, os diversos registos” (Catarino, 1997/98: 533).

Na nossa investigação, situações houve em que a concordância entre diplomática e pesquisas de campo clarificou o perfil de ocupação num determinado espaço; noutras, o seu antagonismo não deixou de levantar uma série de questões que passaram a representar fortes estímulos à continuação deste estudo. Em suma, a abordagem conjunta entre documentos históricos e

registo arqueológico, tendo em conta as ferramentas ao nosso dispor, foi a pedra angular da compreensão das dinâmicas de povoamento alto-medieval no território de Santa Comba Dão, bem como a sua relação com ocupações anteriores.

Em termos metodológicos, os diplomas medievais¹ nos proporcionaram uma abordagem em duas escalas de análise, uma supra territorial, ou seja, fora dos limites espaciais do território estudado, com o objetivo de compreender o ambiente sociopolítico que ocupava em período Astur-leonês, e outra local, portanto, dentro dos limites atuais do concelho de Santa Comba Dão, centrada fundamentalmente na toponímia e na sua distribuição espacial – já que a “*toponimia actual es en un porcentaje muy alto, herdera directa de la medieval*” (Faro Carballa e García Jaurrieta, 1996: 284) – para: delimitação de estremas de propriedade (limite das *villas* medievais); provável localização de igrejas e mosteiros; caminhos antigos; elementos ligados à exploração económica. A primeira escala de análise foi utilizada apenas no enquadramento cronológico-cultural; já a segunda, esteve intrínseca à análise espacial e interpretação das dinâmicas de povoamento.

Estamos cientes de que, embora esta metodologia de análise dos documentos históricos se tenha provado eficiente na nossa investigação, está inevitavelmente condicionada à quantidade de topónimos medievais que sobrevivem na paisagem em estudo. É que, sendo o método científico, indiscutivelmente, a única forma de serem obtidos resultados fiáveis e coerentes em arqueologia, também a sorte desempenha o seu papel, e no nosso caso, a sorte nos sorriu ao permitir que todos os topónimos registados nos documentos do século X chegassem até à atualidade, inclusive, por vezes, sobrevivendo ao desaparecimento do lugar ao qual se referem, de forma a configurar o que Michael Aston definiu como uma “*vila desertificada*” (Aston, 1989: 53-61), cujo desaparecimento não teria sido provocado por um golpe singular, mas por um conjunto de progressivas mudanças económicas e sociais não documentadas.

3.2. Análise dos materiais arqueológicos

A componente da nossa investigação dedicada ao es-

¹ Os lugares e povoações do território de Santa Comba Dão, e entornos próximos, estão registados em três documentos do cartulário do mosteiro de Lorvão e datam dos anos de 974 (Doc. Nº 2 do Livro Preto da Sé de Coimbra), 981 (PMH – DC, CXX, 981) e 985 (Livro Preto da Sé de Coimbra).

tudo dos artefactos foi, de todo, desenvolvida sobre uma metodologia baseada na análise de paralelos formais e decorativos. Como não poderia deixar de ser, os materiais recolhidos à superfície, quando muito, permitiram vislumbrar a existência de um sítio arqueológico cujos contornos cronológicos e espaciais resultaram consideravelmente embaciados. A não ser nos casos em que são identificados artefactos como as cerâmicas importadas, os materiais de superfície proporcionaram aproximações cronológicas marcadamente dilatadas e, mesmo estas, apenas possíveis devido ao já referido avanço na arqueologia tardo-antiga e alto-medieval e no conseqüente estabelecimento de fosséis directores para este período.

Desta forma, começamos, de seguida, por apresentar alguns materiais, primeiro, de um sítio onde foram desenvolvidas escavações, para depois passarmos a apresentar os materiais obtidos em prospecções extensivas.

3.2.1. A *villa* da Abadia e o seu espólio arqueológico

Numa plataforma localizada entre as povoações de Óvoa e Cagido (União de Freguesias de Óvoa e Vimieiro), uma faixa de terra com cerca de 5ha é, há várias décadas, conhecida pelos santacombadenses como uma zona rica em vestígios de antigas sociedades. Sem precisar bem o seu período de ocupação, foram sendo criadas, ao longo dos anos, versões populares que pudessem explicar a riqueza dos materiais arqueológicos que, à superfície, se observava e se recolhia.

Esta zona, todavia, nunca chamou a atenção de investigadores que, guiados por métodos científicos, fossem capazes de tentar descortinar as características deste assentamento. Até que, há cerca de 20 anos, foram realizadas escavações² numa parte deste arqueossítio, designadamente, na Encosta do Patarinho, quando foi posto a descoberto parte de uma estrutura de planta rectangular e obtidos centenas de materiais arqueológicos que, entretanto, nunca foram analisados. Esses materiais, desde então, permaneceram depositados no edifício da Junta de Freguesia de Óvoa e é, precisamente, parte deste espólio que será abordado mais abaixo.

No que se refere à tipologia do assentamento, em função dos achados e da dimensão da mancha de ocupação, foi registado no Endolvélico³ como sendo

² Conforme registado no Endolvélico, a referida escavação, não autorizada, colocou a descoberto dois muros de um possível compartimento de época romana.

³ CNS (Código Nacional de Sítio): 14526.

zona de uma possível *villa* romana. Esta designação, todavia, foi atribuída a apenas uma pequena parcela, no sul da mancha de ocupação, onde foram recolhidos fragmentos de canalização em chumbo e de cerâmicas alto-imperiais, no local do microtopónimo “Abadia”. Entretanto, no decorrer da nossa investigação, optámos por utilizar, temporariamente, a designação “*villa* da Abadia” não apenas ao sítio dantes registado, mas a toda a extensão da planura onde estão dispersos os materiais arqueológicos, abrangendo, inclusive, a já referida Encosta do Patarinho.

No que se refere à ocupação alto-medieval deste assentamento, um conjunto de sepulturas rupestres implantadas na Encosta do Patarinho atesta a sua utilização como espaço funerário em inícios da Alta Idade Média. Não foram, todavia, encontrados vestígios de ocupação que, seguramente, possam estar associados aos núcleos habitacionais contemporâneos das sepulturas, o que não quer dizer que a estrutura identificada nas escavações não possa ter sido reaproveitada em época medieval. Entretanto, perante a informação conhecida até agora, supomos que as sepulturas rupestres, com efeito, marcam o momento final de utilização da Encosta do Patarinho, quer como zona de núcleos habitacionais, junto dos quais foram escavadas as sepulturas rupestres, quer apenas como espaço funerário.

Posto isto, vejamos então o que nos dizem alguns dos materiais arqueológicos aqui exumados e, embora sem o recurso da análise estratigráfica, como indicam uma ocupação pós-romana, e ainda, como nos podem ajudar a integrar a *villa* da Abadia num contexto de trocas comerciais à escala regional na Antiguidade tardia.

(I) Terra Sigillata Hispânica Tardia (TSHT)

Foi documentado um fragmento de TSHT (Figura 3), fabrico cuja cronologia de produção se insere entre finais do século II e século III d. C. e o primeiro quartel do século VI d. C., com uma difusão realizada pelo vale do Ebro e, em menor escala, pelo Douro (Beltrán Lloris, 1990: 118).

O fragmento apresentado possui uma decoração enquadrada no segundo estilo de decoração a molde das TSHT descrito por F. Mayet (1984: 258 e 259), comuns às Drag. 37 tardias⁴ de *Conimbriga* (*ibidem*: 259), forma que caracteriza o período entre os séculos IV e VI d. C. (Beltrán Lloris, 1990: 119). Proveniente das

⁴ Para os sítios em Portugal com documentação de Drag. 37 tardias decoradas, consultar Silva, 2007: 22.



Figura 3 – Fragmento de TSHT da Encosta do Patarinho.

olarias do vale do Ebro e da Meseta, configura o estilo mais representativo no que se refere à decoração dos vasos de TSHT (Paz Peralta, 1991: 105).

Em Terronha de Pinhovelo (Macedo de Cavaleiros, Bragança) os exemplares informes de TSHT com decoração a molde foram remetidos àquela forma, balizada entre os séculos III e V/VI d. C. (Silva, 2007: 9), e nas olarias de *San Antón* (Burgos), as Drag. 37 tardias decoradas pela mesma técnica⁵ são predominantes entre as produções de tigelas (Pérez Rodríguez e Domínguez Bolaños, 2005: 280).

A TSHT que, no centro de Portugal, faz parte de um tipo de cerâmica importada ainda pouco representada, testemunha a manutenção da *villa* da Abadia em circuitos comerciais regionais em época baixo-imperial ou pós-romana e, talvez, a manutenção do seu carácter de propriedade senhorial neste período. Sobre esta temática, André Carneiro e Eurico Sepúlveda (2004: 437) mencionaram a TSHT como indício não apenas da “capacidade de compra” do proprietário mas, ainda, da proximidade do sítio a importantes vias de circulação.

(II) Cerâmicas alaranjadas finas

A cerâmica alaranjada fina, conforme o próprio nome atesta, faz parte de um serviço fino de mesa que, co-

⁵ Conforme afirmado pelos autores, as decorações a molde são “características de la fase de madurez de la producción de T.S.H.T” (PÉREZ RODRÍGUEZ e DOMÍNGUEZ BOLAÑOS, 2005: 288).

mummente, procura imitar determinadas formas de cerâmicas de luxo, como a *Terra Sigillata*. Embora represente um fabrico encontrado em contextos arqueológicos do Alto Império à Tardo-antiguidade, o enquadramento cronológico de alguns exemplares pode ser realizado através da cronologia da forma emulada (Silva, Fernández e Carvalho, 2015: 244).

Na colecção agora apresentada, os fragmentos deste fabrico foram todos manufacturados a torno, com superfícies cuidadosamente alisadas deixando, eventualmente, escondidas as marcas do torno. Em termos de formas, foram identificadas tigelas, potinhos e púcaros.

Para o propósito deste texto, mencionamos, deste conjunto, um bordo extrovertido com asa bífida (Figura 4, Estampa 2) que encontra paralelos nas copas bitroncocónicas das cerâmicas alaranjadas finas de *Conimbriga* (Alarcão, 1974: 96), sendo idêntico a um jarro do século VI d. C. recentemente documentado no anfiteatro desta cidade (Cerveira, 2017: 208).

(III) Cerâmica calcítica

Como a cerâmica alaranjada fina, também a cerâmica calcítica possui um extenso período de fabrico, enquadrado entre o Alto Império e Antiguidade tardia (ALARCÃO, 1974: 110). Entretanto, o artefacto apresentado (Figura 4, Estampa 1) configura, ainda, um forte indício da ligação estabelecida, neste período, entre a *villa* da Abadia e a cidade de *Conimbriga*, na zona da qual era produzida esta cerâmica.

Trata-se de um pote de bordo redobrado sobre o ombro com lábio em gancho, com pasta de cor cinzento-escura no cerne e laranja avermelhada ao se aproximar da parede interna, coloração que a reveste completamente. A parede externa apresenta uma tonalidade castanha escura no bordo e castanha avermelhada no ombro.

Como exemplo de paralelo, referimos um pote proveniente da *Ínsula do Vaso Fálco*, em *Conimbriga*, identificado em contextos do século V d. C. (Alarcão, 1974: 111, peça nº 700 / Alarcão, 1975: 150). Também em sondagens recentes realizadas na zona do Anfiteatro desta cidade, as cerâmicas calcíticas apareceram em níveis enquadrados entre o período augustano e suevo-visigodo, ao que lhes foi atribuída uma cronologia de produção que se estende para além do século V d. C. (Cerveira, 2017: 49). Em Coimbra, em escavações no Museu Nacional de Machado de Castro – onde se encontra o *forum* de *Aeminium* – as cerâmicas calcíticas foram enquadradas entre os séculos IV e V d. C. (Silva et alii., 2015: 243 e 244).

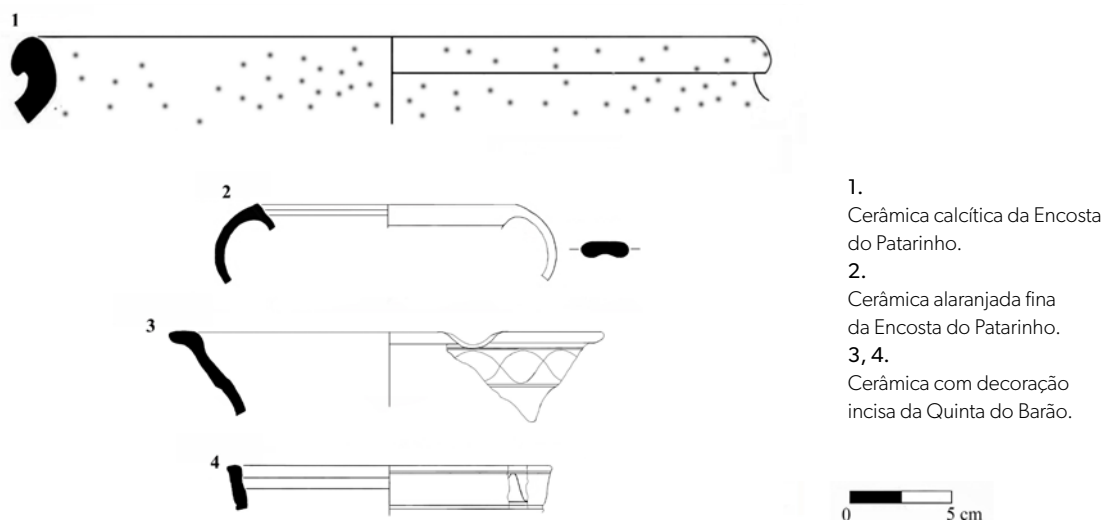


Figura 4 – Cerâmicas da Encosta do Patarinho e da Quinta do Barão.

(IV) Cerâmica alaranjada com decoração incisa

No nosso estudo, o conjunto de fragmentos agora apresentado foi enquadrado numa tipologia de fabrico local ou regional – cerâmicas de pasta e superfície alaranjadas – onde predominam os recipientes destinados ao serviço de mesa e armazenamento e transporte. Infelizmente, para os pequenos fragmentos referidos a seguir não foi possível reconstituir as suas respectivas formas, tendo sido realizado o seu enquadramento cronológico com base em paralelos decorativos. Estes, por sua vez, foram encontrados em contextos inseridos entre a Antiguidade tardia e Alta Idade Média, sendo, portanto, na Encosta do Patarinho, um dos poucos materiais, até agora identificados, que podem estar associados ao momento da ocupação final do sítio, talvez, contemporâneo das sepulturas rupestres. Adriaan De Man (2004: 460), ao estudar os artefactos de Conímbriga, integrou este tipo de decoração num contexto pós-romano de “progressiva simplificação morfológica” dos recipientes, supostamente compensada por “determinadas soluções decorativas”, designadamente as linhas onduladas incisas num primeiro momento, culminando depois nos cordões plásticos digitados, estes, até ao momento, ausentes nos recipientes da Encosta do Patarinho.

Aqui, temos cerâmicas com decoração incisa de motivos emoldurados (Figura 5), de linhas ameandradas, onduladas e reticuladas, realizados por incisão simples ou a pente. Restringindo-nos agora a alguns exemplos da região Beirã, uma vez que tencionamos enquadrar o sítio em rotas comerciais regionais, mencionamos paralelos decorativos, como: as cerâmicas com



Figura 5 – Fragmentos com decoração incisa da Encosta do Patarinho.

decorações incisas de motivos ondulados e ameandrados do casal romano do Relengo (Sabugal), onde foram enquadradas nos séculos IV e V d. C. (Osório *et alii*, 2008: 5); cerâmicas de cozinha do já referido Museu Nacional de Machado de Castro, decoradas com ondulados incisos, encontradas em níveis dos séculos IX-X d. C. (Silva, 2014: 81); no Alto Mondego, em cerâmicas com decoração incisa cozidas em atmosfera oxidante, dos sítios de São Gens e Soida (Celorico da Beira), enquadradas entre os séculos IX-XI d. C., (Tente, Lantes e Pietro, 2014: 122).

3.2.2. Outros vestígios de cerâmicas tardo-antigas e alto-medievais no território de Santa Comba Dão

Para além dos artefactos da Encosta do Patarinho, ti-

vemos a oportunidade de analisar outros materiais tardo-antigos do concelho de Santa Comba Dão, quer identificados ao longo das nossas campanhas de prospecção, quer recolhidos pelos habitantes locais durante a lavra dos seus terrenos.

Ao lado da Igreja de Santa Columba (Igreja Matriz do Couto do Mosteiro) identificámos, em prospecções, um conjunto de cerâmicas cinzentas, provavelmente de fabrico local, com uma cronologia enquadrada entre a Antiguidade tardia e a Baixa Idade Média. A referida igreja é, com efeito, o antigo centro religioso da vila medieval epónima, cujo primeiro registo histórico remota à segunda metade do século X⁶. Deste conjunto, o pequeno fragmento ao qual faremos referência é de uma cerâmica cinzenta estampilhada com motivo em arco, ou circular, junto da carena, onde foram incisas linhas diagonais paralelas. Possui paredes brunidas e foi cozida em fornos de atmosfera redutora homogénea.

São diversos os exemplos de sítios onde a cerâmica estampilhada foi encontrada em contextos tardo-antigos⁷. De acordo com Catarina Tente e Adrian De Man, (2016: 387), estes materiais indiciam uma ocupação associada a elites dos séculos VI e VII. Na zona de Salamanca, no assentamento de Dehesa de la Genesosa, a cerâmica estampilhada foi considerada um “*estándar de mayor calidad en los siglos V-VI, tras la desaparición de las sigillatas*” (Martín Viso et alii, 2017: 24), bem como relacionada a uma rede de distribuição supra local (*idem*). Não vamos agora, com base apenas neste fragmento, tecer grandes teorias acerca dos primórdios da Igreja de Santa Columba, entretanto, a sua importância reside em ser o pequeno vestígio de um momento de ocupação anterior ao estabelecimento do centro religioso da vila alto-medieval e, até ao momento, também o seu vestígio mais antigo.

A cerâmica com decoração incisa voltou a aparecer em dois sítios arqueológicos de Santa Comba Dão, num deles, próximo a uma sepultura rupestre antropomórfica junto à aldeia de Vila Dianteira⁸ (Freguesia de São João de Areias), o que, conforme já mencionado, reforça a longa diacronia de utilização deste estilo decorativo. Referimos, portanto, um bojo do que seria um recipiente de armazenamento de cerâmica alaran-

⁶ Doc. Nº 2 do Livro Preto da Sé de Coimbra (974 Julho, 22).

⁷ Para um estudo mais aprofundado, consultar: CERRILLO MARTÍN, 1976; JUAN TOVAR, 2012; SASTRE, CATALÁN e FUENTES, 2014; PÉREZ DE DIOS e SOTO GARCÍA, 2015; TEJEREZO GARCÍA e VIGIL-ESCALERA GUIRADO, 2017.

⁸ Agradecemos o Professor António Neves por permitir o estudo do artefacto.



Figura 6 – Cerâmica com decoração incisa, de Vila Dianteira.

jada (Figura 6), com um largo cordão plástico e decoração incisa de pouca profundidade, que combina pequenas incisões horizontais de motivos ameandrados e ondulados, e meandros em ziguezague, realizados a pente, portanto, enquadrado no tipo B de decoração incisa de Gutiérrez Lloret (1996: 156). A decoração era realizada com pentes de madeira ou osso que, segundo esta autora, representam um dos instrumentos mais utilizados a partir do período tardo-romano.

As cerâmicas com decoração incisa apareceram também na Quinta do Barão, dentro da vila de Santa Comba Dão, um dos arqueossítios do município mais próximos da rede hidrográfica principal (Figura 4, Estampas 3 e 4). São dois bordos de cerâmica alaranjada, sendo um decorado com linha em meandro, emoldurada em friso contínuo, e outro com duas linhas onduladas intercaladas, igualmente emolduradas, que pertenceria a um jarro com bico vertedor.

3.3. Povoamento e sepulturas

Na Alta Idade Média, as comunidades autóctones da região Beirã estariam organizadas em pequenos núcleos, aldeias e casais, que teriam desenvolvido os seus próprios mecanismos de poder e práticas religiosas. As sepulturas rupestres, possivelmente, um dos seus vestígios arqueológicos mais característicos, acabam por traduzir bem a situação de marcada autarcia dessas pequenas comunidades rurais, pois em si carregam, ao mesmo tempo, uma solução local para o cumprimento de rituais religiosos e um instrumento de legitimação de posse sobre determinado território.

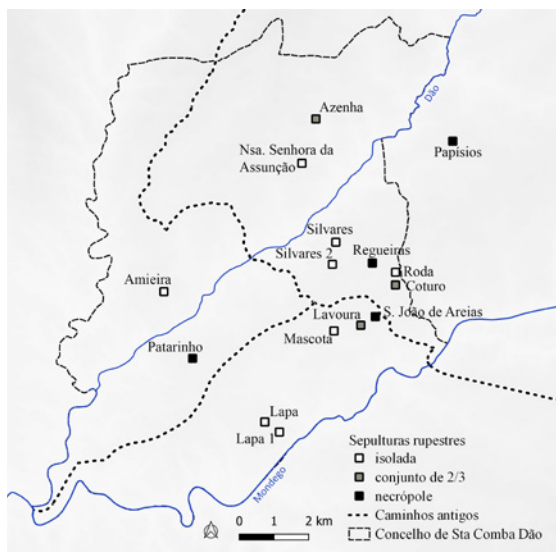


Figura 7 – Sepulturas rupestres identificadas actualmente.

Deixaremos para outro momento a análise detalhada das sepulturas rupestres de Santa Comba Dão⁹; todavia, sobretudo para a posterior apresentação da rede viária antiga, convém ter presente a localização dos principais núcleos funerários.

No concelho de Santa Comba Dão estão registadas, actualmente, 34 sepulturas rupestres que sugerem, pela sua localização, um padrão de ocupação, em inícios da Alta Idade Média, marcadamente ligado aos antigos núcleos de povoamento romano, quer *villae*, quer pequenos casais que poderiam, ou não, estar na dependência daquelas. Vamos agora referir duas zonas de Santa Comba Dão (Figura 7), ambas, a sul do Dão, onde a quantidade de sepulturas e *habitats*¹⁰ registados possibilita uma aproximação aos contornos da ocupação antiga. Em primeiro lugar, a poente, a já apresentada *villa* da Abadia, onde no seu extremo oeste – zona da Encosta do Patarinho – foi implantada uma necrópole de sepulturas rupestres; depois, a nascente, na zona de Silvares, Vila Dianteira e São João de Areias, onde estão localizadas nove

⁹ MATOS, Pedro; CATARINO, Helena: Sepulturas, topónimos e *habitats*: elementos para a compreensão do povoamento alto-medieval no município de Santa Comba Dão (Viseu). In.: Actas do Congresso Internacional *Sepulturas Escavadas na Rocha na Fachada Atlântica da Península Ibérica*. CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória); Faculdade de Letras da Universidade do Porto (no prelo).

¹⁰ Por “*habitats*” entenda-se, por ora, as manchas de ocupação caracterizadas por fragmentos de cerâmicas de construção e cerâmicas comuns.

sepulturas isoladas ou em conjuntos de duas ou três, bem como duas necrópoles, uma com seis sepulturas, nas Regueiras, e outra com sete sepulturas, sob o adro da Igreja Matriz de São João de Areias.

Infelizmente, nenhum destes sepulcros chegou até nós com vestígios ósseos passíveis de datação absoluta e, por norma, situam-se dentro de manchas de ocupação caracterizadas por cerâmicas de cobertura (*tegulae* e *imbrex*), artefactos produzidos num extenso espectro cronológico. Para uma aproximação temporal a estes monumentos, contamos, portanto, com a análise espacial realizada a partir da associação entre sítios arqueológicos, análise toponímica e documentos históricos. Como resultado, concluímos que, em oposição à já referida relação com sítios romanos, há uma certa discrepância quando comparamos a localização das sepulturas rupestres com as vilas do século X, assunto que, de novo, é por nós abordado em mais detalhes noutra momento.

4. VIAS DE COMUNICAÇÃO: NAVEGAÇÃO NO MÉDIO MONDEGO E PROPOSTA PARA OS CAMINHOS TERRESTRES

Na estrema sudoeste de Santa Comba Dão dá-se o encontro dos grandes rios do Planalto Beirão, o Dão e o Mondego, numa zona que foi, nos anos setenta, profundamente afetada pela Barragem da Aguieira. Sob a sua albufeira está hoje a antiga aldeia de Foz do Dão, uma povoação que, infelizmente, desapareceu antes que se pudesse conhecer o seu valor histórico.

Era também na foz do Dão – junto à aldeia homónima – onde o Mondego deixava de ser navegável a montante, característica que, até hoje, se reflecte na ocupação humana ao longo do seu curso. É interessante reparar como, subindo o Mondego a partir de Coimbra até à zona daquela antiga aldeia, contamos 18 povoações ribeirinhas entre os concelhos de Coimbra, Penacova e Vila Nova de Poiares, mas dali em diante, escasseiam consideravelmente. Mesmo com a subida das águas do Mondego após a Barragem da Aguieira, em Santa Comba Dão, não há nenhuma povoação a menos de um quilómetro da sua margem direita. Apenas a partir do concelho de Nelas, na zona de Caldas da Felgueira, surgem algumas raras aldeias ribeirinhas. Esta configuração demográfica, em nossa opinião, será o resultado de séculos de navegação no Mondego, possivelmente, uma das artérias viárias mais importantes entre o litoral e as comunidades do sudoeste do Planalto Beirão.

Consequentemente, acabaria por ser, entre o pe-



Figura 8 – Rede viária antiga.

riodo Romano e a Alta Idade Média, a via de comunicação principal entre as comunidades do Baixo Dão e os dois mais próximos centros de poder a sul, designadamente, Coimbra (Aeminium) e Conimbriga em época romana e tardo-antiga e, depois, sobretudo com o mosteiro de Lorvão¹¹ a partir da Alta Idade Média. Em termos económicos, o Mondego teria desempenhado um papel central como rota comercial entre estas cidades e o sudoeste do interior beirão. Na zona do Porto da Raiva (Penacova), entretanto, os mercadores vindos do sul trasladariam a carga para pequenas embarcações, adequadas ao curso do rio entre este ponto e a foz do Dão, e aqui, se quisessem seguir na direcção de Viseu, a norte, ou Bobadela¹², a nascente, teriam de continuar por terra.

Os caminhos terrestres, por sua vez, apresentam um traçado bem mais difícil de se desvendar; contudo, guiados pela localização dos sítios arqueológicos e considerando a rede viária romana, podemos começar a descortinar parte da rede de comunicações tardo-antigas e alto-medievais que atravessaria a área em estudo. Antes de mais, importa ter presente que, para o período enquadrado entre a desagregação da

estrutura de povoamento romana, quando as *villae* eram o elemento central da organização do povoamento local, e a Alta Idade Média, com a consolidação da vila como modelo de povoamento rural por excelência, em meados do século X, terá ocorrido uma multiplicação de carreiros e veredas para atender a trama de pequenos casais que, progressivamente, se foram dispersando pelo campo. Por ora, não entraremos neste nível de detalhe, cingindo-nos àquelas vias de alcance regional.

Já vimos como o Mondego teria desempenhado um papel primordial na ligação entre Conimbriga e Coimbra e o Planalto Beirão. Vamos agora tentar reconstituir a rota comercial, nos sentidos norte e poente, a partir da foz do Dão onde conforme vimos, teria existido um importante entreposto. Aqui, temos de considerar essencialmente dois destinos (Figura 8): Viseu, que em período suevo-visigodo foi convertida em sede episcopal; Bobadela, antiga capital de *civitas* e onde, na época visigoda, teria existido certamente um importante centro religioso.

Para um e para o outro, entre a foz do Dão e a zona de Silvares, o trajeto seria o mesmo, passando pelas proximidades da *villa* da Abadia, sendo esta uma das paragens iniciais. Seguindo à nascente, em Silvares, um dos ramos continuaria para a zona Vila Dianteira, atravessando a área onde as sepulturas rupestres denunciam a existência de núcleos familiares que, na Alta Idade Média, habitariam nos arredores de antigos assentamentos romanos. Aqui, desviaria à sudeste para São João de Areias, onde existiria um núcleo aldeão relativamente mais consolidado, e continuaria para o vale do Mondego, então, atravessado a vau, entron-

¹¹ Para um estudo mais pormenorizado acerca do mosteiro de Lorvão, consultar: AZEVEDO, Ruy de. (1933): "O Mosteiro de Lorvão na reconquista cristã." Separata do *Arquivo Histórico de Portugal*. Lisboa.

¹² Um jarro litúrgico proveniente de Bobadela, utilizado como contentor de água lustra, enquadrado no reinado de Rescivindo (642-672 d.C.), testemunha a importância desta zona como centro religioso (GOMES e DIAS, 1995), onde poderia estar situada, inclusive, uma paróquia.

cando depois na estrada romana da Pedra da Sé, e seguindo à oriente para Bobadela.

De volta a Silvares, o segundo ramal seguiria em sentido setentrional até à travessia do Dão, na zona da atual povoação do Granjal. Continuaria para o cabeço da Gestosinha, onde já no século XII viria a ser instalada uma pequena fortificação para vigiar o vale do Dão, e onde também são encontrados vestígios pré-romanos. Para esta zona, um dos documentos¹³ do cartulário lorvanense faz referência a uma “*via antiqua*” nas proximidades de Treixedo. Segundo Inês Vaz (1976:351), nos primeiros séculos da Idade Média o adjetivo “*antiqua*” atribuído a uma via, provavelmente indicava uma estrada romana, mas sendo o referido registo já de finais da Alta Idade Média, há que ter em conta a ressalva feita pelo mesmo¹⁴ e admitir a possibilidade de ser já uma estrada de época medieval. Jorge Alarcão referiu esta mesma via destacando a incerteza da sua cronologia romana, dada a falta de comprovação arqueológica (Alarcão, 1988: 64).

Acreditamos que, seguindo para norte a partir do cabeço da Gestosinha, a estrada passaria pelo Couto do Mosteiro, onde terá existido uma *villa* romana na zona da Igreja de Santa Columba, junto da qual se desenvolveu a vila homónima já documentada em diplomas do século X; seguiria para a zona da Regada, onde há vestígios de um *habitat* romano de tipologia não definida; depois, para São Joaninho, onde poderá ter passado pela área do micro topónimo “Quartas” e continuaria em direção a Alvarim. Daqui até Viseu, provavelmente, o caminho principal seria ainda a antiga estrada romana que passaria pelos castros de Nandufe e Três Rios (Tondela), a qual corresponde à Via VI da rede viária principal, segundo os estudos de Inês Vaz (1997: 382 e 383).

5. SÍNTESE E CONCLUSÕES

Ainda como objecto de uma investigação que está a dar os seus primeiros passos, o território de Santa Comba Dão começa já por figurar, no mapa tardo-antigo da Beira Alta, não só como uma zona, provavelmente, permanentemente ocupada entre o fim

¹³ O cabeço da Gestosinha está na zona do micro topónimo “Monte Renho” que, de acordo com Morais Branquinho, corresponde ao “*Castrum Terrenium*” mencionado na carta de couto de Treixedo de 1133.

¹⁴ Inês Vaz chamou atenção para o facto de que uma estrada pode ser referida como “antiga” apenas se adquira ou faça uma nova (VAZ, 1976: 351).

do Império Romano e a conquista astur-leonesa, mas também, um espaço atravessado por importantes vias de ligação entre três centros de poder de primeira ordem, do período romano à época suevo-visigoda e, no caso da ligação entre Viseu e Coimbra, até, pelo menos, a Plena Idade Média.

Por outro lado, o corrente estudo da zona da *villa* da Abadia pode revelar um assentamento que beneficiava directamente da sua posição junto à foz do Dão que, como vimos, teria sido um ponto de *mutatio* entre a navegação no Mondego e a circulação por terra. No que diz respeito à rede viária local, também as sepulturas rupestres e *habitats* se mostraram elementos fundamentais para descortinar parte da sua trama. Ao adicionarmos nesta equação os topónimos antigos e a descrição de limites dos lugares registados nos documentos do século X, temos a hipótese de reconstituir o mapa antigo de Santa Comba Dão, bem como de enquadrá-lo no seu contexto geográfico tardo-antigo e alto-medieval.

Finalmente, é importante enfatizar o carácter de micro-territorialidade do nosso estudo, e a nossa despretensão de que o modelo de povoamento apresentado seja extrapolado para muito além dos nossos limites¹⁵. Todavia, esperamos que, tanto a nível da informação arqueológica apresentada, quanto a descrição da nossa metodologia de estudo possam dar o seu contributo científico dentro do já referido contexto da investigação arqueológica actual.


¹⁵ Para uma visão geograficamente mais abrangente em termos de ocupação alto-medieval da Beira Alta, consultar: LOURENÇO, Sandra. (2007): “O Povoamento Alto Medieval entre os rios Dão e Alva”. In.: *Trabalhos de Arqueologia*, 50. Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de (1974) – “Cerâmica Comum local e regional de Conimbriga”, In.: Supl. *Biblos*, 8. Coimbra.
- ASTON, Michael (1985) – *Interpreting the Landscape: Landscape Archaeology in Local Studies*. B.T. Batsford. Londres.
- BELTRÁN LLORIS, M. (1990) – *Guía de La Cerámica Romana*. Libros Pórtico. Zaragoza.
- BRANQUINHO, José Morais (1984) – *Quatro freguesias do concelho de Santa Comba Dão – Subsídios para o seu levantamento arqueológico (Santa Comba Dão, Couto do Mosteiro, S. Joaninho e Treixedo)*. Trabalho curricular apresentado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, nº 69. Policopiado.
- CARNEIRO, André; SEPÚLVEDA, Eurico (2004) – “Terra sigillata hispânica tardia do concelho de Fronteira: exemplares recolhidos entre 1999 e 2003”. In.: *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 7, número 2, Lisboa, pp. 435-458.
- CATARINO, Helena (1997-1998) – *O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica: povoamento rural e recintos fortificados*. Al’Ulyā, n.º 6, 3 vols., Loulé: Arquivo Histórico Municipal.
- CERVEIRA, Ana Filipa (2017) – *A Zona Norte de Conimbriga: A evolução das Cerâmicas Locais e Regionais. Resultados das Campanhas de 2013 e 2015-2016*. Relatório de Estágio do Mestrado em Arqueologia e Território. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Policopiado.
- DE MAN, A. (2004) – “Algumas considerações em torno da cerâmica comum tardia conimbrigense”. In.: *Revista Portuguesa de Arqueologia, Volume 7, Número 2*. Ed. Direcção Geral do Património Cultural, pp. 459-471.
- DE MAN, Adriaan; TENTE, Catarina (2014) – *Estudos de cerâmica medieval. O Norte e Centro e Portugal – séculos XI a XII*. Ed.: IEM (Instituto de Estudos Medievais). Lisboa.
- ENCARNAÇÃO, José de; LOPES, Maria da Conceição; CARVALHO, Pedro. Coordenação (2016) – *A Lusitânia entre Romanos e Bárbaros*. Ed.: Instituto de Arqueologia, Secção de Arqueologia, Departamento de História; Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra / Mangualde.
- FARO CARBALLA, J. A.; GARCÍA JAURRIETA, D. (1996) – “Prospección arqueológica aplicada a la localización de despoblados medievales en el área suroriental en la cuenca de Pamplona”. In.: *REV – Cuadernos de Arqueología de la Universidad de Navarra*, nº 4, pp. 281-305.
- GOMES, Mario.; DIAS, Maria (1995) – “Jarro litúrgico, visigótico, de Bobadela (Coimbra)”. In.: *IV Reunión d’ Arqueologia Cristiana Hispánica*. Lisboa-Barcelona, pp. 91-98.
- GUTIÉRREZ LLORET, S. (1996): *La cora de Tudmir – de la antigüedad tardía al mundo islámico: poblamiento y cultura material*. Pub. de la Casa de Velázquez. Madrid.
- Livro Preto: Cartolário da Sé de Coimbra* (1999) – Direcção: Manuel Augusto Rodrigues; Avelino de Jesus da Costa. COIMBRA: Arquivo da Universidade.
- MAYET, Françoise (1984) – *Les ceramiques sigillees hispaniques. Contribution à l’histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l’Empire Romain*. Publications du Centre Pierre Paris ; 12 : Collection de la Maison des Pays Ibériques 21.
- MORAIS, Carlos (2013) – *Santa Comba Dão na Idade Média: uma Multiplicidade de Espaços e Poderes*. Dissertação de Mestrado em História. Departamento de História, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Policopiado.
- OSÓRIO, Marcos (2013) – “Pedras singulares: alguns achados arqueológicos enigmáticos no concelho do Sabugal”. In.: *SABUCALE – Revista do Museu do Sabugal*, 5, pp. 75-90.
- PAZ PERALTA, J. (1991) – *Cerámica de Mesa Romana de los Siglos III AL VI d. C. Em La Provincia de Zaragoza*. Ed. Institución Fernand de El Católico. Zaragoza.
- PMH – *Portvgaliae Monvmenta Historica, a saecvlo octavo post christvm vsqve adqvintvmdccimvm. Diplomata et chartae. Vol. I, fascs. II. Leges et Consuetvdines. Vol. I, fasc. III. Scriptores. Vol. I, fasc. I*. HERCULANO, A. dir. (1856-1869). Lisboa: *Ivssv academie scientarvm olisiponensis*
- SILVA, Ana (2007) – “A Terra Sigillata Hiapânica Tardia de Terroinha de Pinhovelo: o comércio e o povoamento”. In.: *Cadernos Terras Quentes*, 4. Associação Terras Quentes. Macedo de Cavaleiros, pp. 6-50.
- SILVA, Ricardo Costeira da (2014) – “A cerâmica dos níveis alto-medievais do Fórum de Aeminium (MNMC, Coimbra)”. In.: DE MAN, A. e TENTE, C. (coord.) *Estudos de cerâmica medieval. O Norte e Centro e Portugal – séculos XI a XII*. Instituto de Estudos Medievais (IEM). Lisboa, pp. 79-96.
- SILVA, Ricardo Costeira da (2015) – “O Museu Nacional de Machado de Castro – Um Ensaio de Arqueologia Urbana em Coimbra: do Fórum Augustano ao Paço Episcopal de Afonso de Castelo Branco.” Tese de doutoramento em Arqueologia, departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Policopiado.
- SILVA, Ricardo Costeira da; FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, A.; CARVALHO, Pedro (2015) – “Contextos e cerâmicas tardo-antigas do fórum de Aeminium (Coimbra)”. In.: *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 18. Ed. Direcção Geral do Património Cultural. Lisboa, pp. 237-256.
- TENTE, Catarina; LANTES, O.; PRIETO, P. (2014) – “A produção cerâmica dos séculos IX a XI na região do Alto Mondego (Portugal)”. In.: DE MAN, A. e TENTE, C. (coord.) *Estudos de cerâmica medieval. O Norte e Centro e Portugal – séculos XI a XII*. Instituto de Estudos Medievais (IEM). Lisboa, pp. 109-140.

TENTE, Catarina, editora (2018) – *Do Império ao Reino. Viseu e o Território (séculos IV a XII)*. Ed.: Câmara Municipal de Viseu. Viseu.

VAZ, João L. Inês (1976) – “Breves notas para o estudo da viação antiga das Beiras”. In: *Beira Alta*, XXXV. Viseu, pp. 349-363.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2022

www.arqueologos.pt